

A
A R A
A R A R A
A R A R A R A
A R A R A R A R A
A R A R A R A
A R A R A
A R A
A

OFICINA ARARA NA ZDB

Colectivo fundado em 2010. Sediado num beco do Porto, é um laboratório de actividade psicotrópica e de inflamação sónico-visual, equipado para trabalhar em serigrafia sob a mecânica autística da sua Brutemberg. É projectado como um espaço autónomo e aberto de experimentação em torno da produção de cartazes, livros e outras criações, tentando estabelecer uma relação directa, contínua e ininterrupta entre o acto de desenhar e a impressão de múltiplos.

A Oficina ARARA abre periodicamente a casa para diferentes momentos de encontro e catarse colectiva, manifestações sinestésicas e exorcismos rituais que são o prolongamento da sua acção, numa reinscrição cíclica de um tempo e de um território comunitário.

Ao longo dos anos arrepiou fronteiras dentro e fora de portas, criando parcerias umbilicais com diferentes tribos de grafistas e activistas bárbaros, entre os quais: Novo Doba— Festival (RS), Le Dernier Cri (FR), Salon Mirage (BE) Monstre Festival (CH), MAGA, Oficinas do Convento, Crack—Fumetti Dirompenti Festival! (IT),,, HSHCrew (FR), Soopa, Sonoscopia, Atelier Logicofobista, Stripburger (SL), Es.Col.A, Terratreme, Gutter Fest (ES), P.A, Favela, Turbina, Linha de Sombra, Festival Tenderete (ES)...

Oficina ARARA

João Alves
Miguel Carneiro
Pedro Nora

Irina Pereira
Raquel Relvas
Ruca Bourbon

Daniela Duarte
Luís Silva

Bruno Borges
Dayana Lucas
Von Calhau!

Galeria Zé dos Bois
1 Março a 28 de Abril de 2018

EXPOSIÇÃO

Curadoria
Natxo Checa
Bruno Marchand

Arquitectura de exposição e montagem

Oficina ARARA
Carlos Gaspar
Gaetano Belvedere
Joana Leão Jeremias
Rafael Ayres
Sambú Cassamá

FOLHA DE SALA

Texto
Bruno Marchand

Desenho
Oficina ARARA

A ZDB e Oficina ARARA
agradecem a

Todos os autores representados

Carlos Lima
João Covita
Pedro Moura
Ricardo Castro
Rui Silva

Inna Kolomiets
Miguel (Pastelaria Camões)

A ZDB é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal - Direcção Geral das Artes. O Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social e a Câmara Municipal de Lisboa apoiam a ZDB.

Nem de propósito: a última coisa que fizemos nestas salas de exposição – imediatamente antes de as inundarmos com obras da Oficina ARARA – foi espalhar pelo chão de uma delas vinte cartões originais do álbum *Concepto Incerto*, do E. M. de Melo e Castro, que há precisamente um ano atrás mostrámos na *Verbivocovisual*. Todos juntos sobre o soalho, formavam um rectângulo gigante que o Natxo circundava naquele vai-e-vem ansioso de quem sabe que o que procura tem de estar mesmo à sua frente. Senti que era suposto solidarizar-me e comecei também a perscrutar com atenção a superfície lustrosa dos cartões sem saber o que procurávamos. Na verdade, não interessava – era uma oportunidade de rever aquelas duas dezenas de desenhos diagramáticos que o Melo e Castro tinha conjugado com outras tantas frases crípticas e cujo resultado eram jogos de sentido que pareciam ter como objectivo arruinar qualquer hipótese de evidência aforística. Apenas um exemplo: ao desenho de duas formas paralelepípedicas, negativas uma da outra, Melo Castro apôs o seguinte reparo:

*as distâncias dialéticas são reciprocamente divergentes
ou as dialéticas recíprocas estão a distâncias equivalentes*

Sem tirar os olhos das obras, e levantando o braço direito como quem pede para falar, o Natxo diz: *olha só uma coisa que é: precisamos de escolher três destes desenhos para (já não sei quê)*. Sem que eu conseguisse começar a responder, ele nota: *o problema é que são todos incríveis e o critério de escolha não é evidente. Tipo, fazemos a coisa como? por representatividade? por afinidade? por contraste? formal ou conceptual?... Shhhh... Esmagado pela pressão da escolha dos critérios, perdi de vista a escolha das obras e quando dei por isso o Natxo saía da sala com três desenhos nas mãos como quem vai ali estender a roupa. Se fosse hoje, tinha argumentado que, fosse qual fosse o critério, o desenho que mostrava um organigrama em forma de ampulheta tombada devia ser um dos seleccionados. Não propriamente por causa da forma de ampulheta deitada ou pelo modo como ela subvertia a lógica piramidal das hierarquias. Era mais porque, a essa proposta de desierarquização da estrutura (coisa muito relevante nos idos dos anos 1970, sobretudo numa Europa obcecada com a *desconstrução* derridiana), o nosso emérito artista juntava uma frase que dizia:*

os sentidos únicos são 2n2

O potencial revolucionário desta afirmação tem um eco muito claro no espírito de encontro, debate, respeito e contaminação criativa que tem marcado o percurso da zdb. Que não se confunda esta afirmação com o tipo de ingenuidades do género “bora lá curar o mundo e fazer da arte o agente dessa mudança colectiva e tal”. Não só não se faz isso à arte como não creio que a zdb alguma vez tenha embarcado nesse tipo de sobranceria burguesa... Outra coisa bem diferente é acreditar que estamos juntos e que estamos em movimento; que esse movimento gera energia com uma determinada vibração e que essa vibração chama corpos semelhantes que ajudam a propagá-la. Mesmo que em direcções distintas. Ou seja: vós vindes para cá, nós vamos para lá e quando damos por isso estamos a ir juntos para sítios diferentes.

A zdb passou boa parte do último ano a debruçar-se sobre fenómenos criativos de grupo e a conferir as suas dinâmicas. É claro que no salto que foi da poesia experimental portuguesa (*Verbivocovisual*, 12 Fevereiro a 15 de Abril de 2017) à produção gráfica da OSPAAAL (*Cartazes cubanos da OSPAAAL 1960-1980*, 14 de Julho a 23 de Setembro de 2017) se desenhou um arco de volta perfeita que teve uma base nas segundas vanguardas e outra na instrumentalização ideológica do poder visual. Mas, na verdade, sempre nos interessou menos o enquadramento histórico destas coisas do que o seu valor como exemplo de modo de estar no mundo e como expressão de liberdade criativa. Individual ou colectiva, tanto faz. Eis senão quando, há uns meses atrás, o Natxo entra de rompante no escritório e diz: *convidei os ARARA para uma exposição. Vai ocupar os dois pisos. Vamos fazer residência, workshops, eles querem ter performances, trazer as publicações, fazer concertos e dj sets de pessoal que tem ligação com eles, etc., etc.* Pois... fazia sentido! É que, de facto, faltava trazer à zdb uma instância intermédia do arco acima referido. Uma proposta menos ensimesmada, criada por indivíduos que estão algures entre a militância artística de uma Poesia Experimental e a militância política de uma OSPAAAL; um exemplo de uma comunidade de afinidades e interesses comuns, regida tanto pela necessidade de dar largas às suas produções criativas de cada um dos seus elementos, quanto por uma atenção permanente à cuidadosa construção da sua identidade como grupo. Não que a ARARA esteja desprovida de ideais. O que acontece é que percebe bem a distância entre ideal e ideologia, essa substancial diferença entre imaginar mundos e impor formas de vida. A segunda, já se sabe, é absurda; a primeira é só perigosa –

sobretudo quando o que se imagina nos revela, de forma cristalina, as padronizações e os constrangimentos que governam o nosso quotidiano nas suas valências operativa, social, emocional ou mesmo artística.

Imagine-se, portanto, um conjunto de cinco indivíduos a habitar o Porto no ano de 2010. Imagine-se que, juntos, investem numa máquina serigráfica com o intuito de produzir, de forma autónoma, e sem nunca obviar a experimentação, obras gráficas, quer de lavra individual, quer de lavra colectiva. Imagine-se que essa dinâmica ganha corpo e 'momentum'; que os seus trabalhos crescem e conquistam reconhecimento artístico; que a cidade do Porto amanhece pontualmente salpicada de cartazes que espelham um universo imagético e textual que tanto lhe propõe linhas de fuga para mundos fantásticos, quanto plasma nas suas paredes as mais frontais denúncias críticas. Pondere-se no quanto isto atrapalha o passo alheado da vida da cidade, o quanto incomoda as suas aprazíveis rotinas e as belisca com a acidez do inesperado, da surpresa e da confrontação. Agora admita-se a hipótese de que, com a mesma força com que aqueles indivíduos hostilizaram o conformismo boçal que grassa um pouco por todos os cantos deste país, se entusiasmavam e arregimentavam outros tantos indivíduos que, irmanados da mesma energia e do mesmo espírito, decidiam juntar-se ao festim para contribuir em partes iguais para fazer da ARARA o olho da rua, a boca do povo e a testa de ferro com que se abrem mentalidades. Ao que parece, foi isso mesmo que aconteceu. *Não, não estás a perceber, eles têm muito mais do que serigrafias! Há as pinturas do João Alves, os desenhos do Bruno Borges, do Miguel Carneiro, da Dayana Lucas... O Pedro Nora faz cenas fora do trabalho de design dele e há também o Franklin dos Bichos (na verdade, Joaquim dos Bichos, o Natxo estava claramente a pensar no Ernesto de Sousa e no Franklin Vilas Boas) e o Ruca Bourbon, que faz assemblages em pequenas caixas de madeira. Bem, e depois ainda há as instalações e as festas, que também fazem parte da onda do grupo! Ok, ok...*

Depois de dois encontros de preparação da exposição, escrevi um texto de comunicação onde caracterizava a ARARA como um "vórtice criativo", como um "redemoinho que vem engolindo universos criativos congéneres" e pelo qual passaram nomes como Daniela Duarte, Luís Silva, Rui Silva ou Von Calhau!. Rematei o dito texto com a ideia de que a exposição que agora se apresenta é um retrato deste imaginário colectivo e da história da sua construção. Como acontece com todos os retratos, este não deixa

de ser um instantâneo que marca um momento específico de um processo mais lato e complexo. Nesse sentido, a exposição "assemelha-se a uma prova de estado: uma imagem provisória de um projecto ainda em curso." Mais do que uma posição fechada e definitiva sobre o trabalho deste colectivo, ela é "uma oportunidade para tomar o pulso ao que foi feito, para descortinar opções futuras e medir a sua pertinência. Mas talvez seja, sobretudo, o momento para deixar correr solta essa energia que surge dos encontros menos expectáveis, das conversas menos previsíveis, e celebrar convictamente esse passo em falso que é o exercício experimental da criatividade partilhada." Arrebatado por esta minha tirada e embalado no meu auto-comprazimento, partilhei, todo confiante, o texto com o resto da equipa.

Já li o texto! Está porreiro, mas é pouco empolgante, não achas? Tentei permanecer sereno, respirar fundo e encontrar uma resposta airosa para o desafio que o comentário do Natxo me colocava, sem deixar de defender a minha dama. Sim, respondi, podemos tentar incluir no texto referências à postura ecuménica da ARARA, ao facto de se concentrarem no seu espólio obras que piscam o olho à arte bruta, à arte popular, ao artesanato e mesmo à arte naïf, mas também envios eruditos às narrativas e expressões simbolistas e pré-rafaelitas, a um certo surrealismo, a um dado letrismo, a uma poética bastarda... Ou então mencionar que esta é uma produção que pretende, clara e assumidamente, desmistificar essa insistente equivalência entre hermetismo discursivo e qualidade artística, permitindo uma porosidade e contaminação descomplexada entre sofisticação de pensamento e referencialidade. Melhor: vamos é pôr a tónica no facto de a ARARA comprovar que a colaboração e o trabalho de grupo não têm de implicar uma inevitável diluição da individualidade autoral; que estar com um pé no campo da contemporaneidade artística e outro no da intervenção cívica não tem de significar uma cedência à demagogia populista ou aos neo-academismos de última hora; que na génese do grupo está esse espírito de irreprimível inconformismo, essa potência de contrariar os sentidos únicos de que falava o Melo e Castro e que o palíndromo que é o nome ARARA não pode deixar mais claro. Sim... Isso parece-me tudo ótimo, mas bastava dizer que a ARARA é, provavelmente, o atelier de serigrafia mais interessante e activo do país. Certo, certo.

— Bruno Marchand

PISO 0

MURAL

A

AR

ARA

ARAR

ARARA

RARAR

RARA

RAR

RA

R

Profundezas do Douro
(Barco do Lima), 2015
Carlos Lima, João Alves
e Ruca Bourbon

PISO 0-1

MURAL

Buraco da Corte

PISO 1-2

MURAL

B O C A

PISO 1

SALA A

1

Fogo nos cornos, 2012

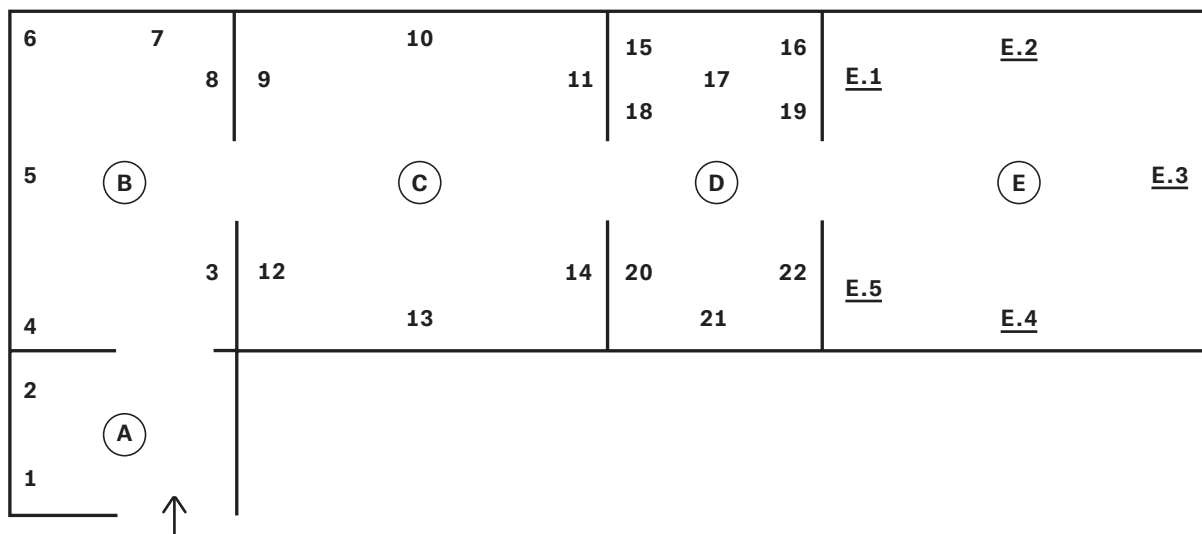
Frederico Lobo

2

*A mão direita não sabe o que a
esquerda anda a fazer, 2017*

João Alves, Miguel Carneiro
e Pedro Nora

(a partir de imagens e de excertos
de tradição oral, recolhidos por
Ernesto de Sousa).



SALA B

3
O descanso é sagado, s/data
Joaquim dos Bichos

4
Mamão, 2011
Miguel Carneiro

5
s/ título, 2017
Bruno Borges

6
Cidadela, 2018
João Alves

7
Macaco, s/data
Joaquim dos Bichos

8
A mão direita não sabe o que a esquerda anda a fazer, 2017
João Alves, Miguel Carneiro e Pedro Nora

SALA C

9
Parti do, 2017
Pedro Nora

10
Elogio da Monotonia, 2012
Dayana Lucas

11
Crisis, 2012
Dayana Lucas

12
Abolition of Work, 2014
Bruno Borges

13
Poster Rex, 2016
Oficina ARARA,
em colaboração com
Lars Harmsen e Markus Lange

14
Vértice, Vórtice, Vertigem, s/data
Von Calhau!

SALA D

15
Buraco #7, 2016
Oficina ARARA

16
Rio FDP, 2012

17
Publicações Oficina ARARA
(2011-2018)

18
Buraco #3, 2012
Miguel Carneiro e Pedro Nora

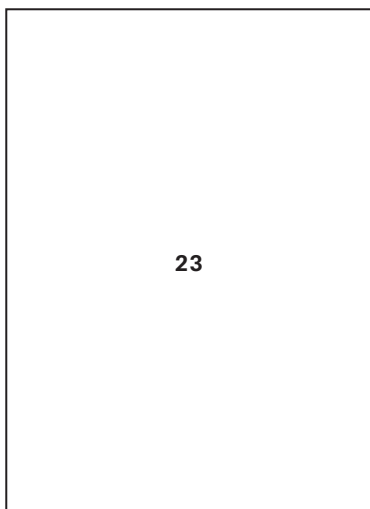
19
Work, 2014
Bruno Borges

20
Buraco #6, 2013
Miguel Carneiro e Pedro Nora

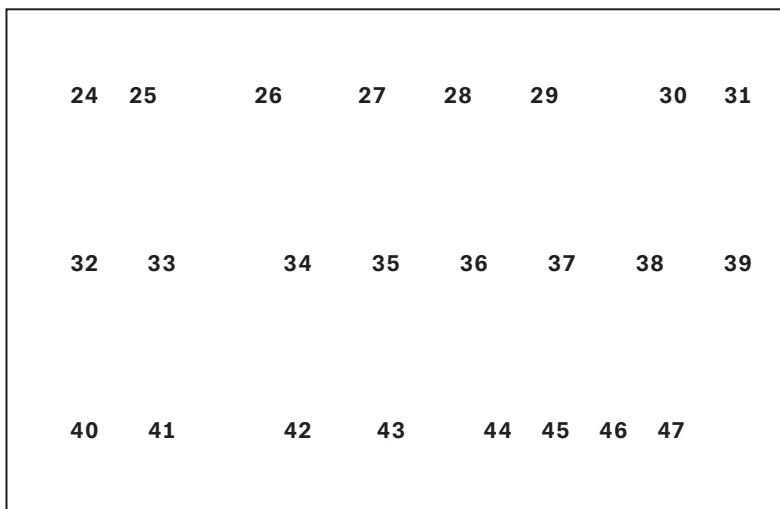
21
MURAL

*Buraco #5 - Um Olho na Merda,
Outro no Infinito*
Miguel Carneiro

22
Rio FDP, 2012



23



24 25 26 27 28 29 30 31

32 33 34 35 36 37 38 39

40 41 42 43 44 45 46 47

PAREDE E.1

23

Abertura da Oficina ARARA, 2011
Oficina ARARA

PAREDE E.2

24

Caracas Llorá, 2011
Dayana Lucas

25

Nu, 2015
Bruno Borges

26

s/ título, 2014
Von Calhau!

27

Buraco da Corte, 2013
Oficina ARARA

28

Aveso, 2011
Von Calhau!

29

D'Olho Pavão, 2018
João Alves e Miguel Carneiro

30

Work, 2014
Mariana Caló e
Francisco Queimadela

31

Andrómeda, 2015
Miguel Carneiro e Pedro Nora

32

Nau dos Loucos, 2018
Miguel Carneiro

33

Macaco, 2015
Oficina ARARA

34

Feedbackground (1), 2014
Dunja Jankovic

35

Cesariny, 2012
Bruno Borges

36

É o Diabo Que Me Chama, 2011
Miguel Carneiro

37

Maus Hábitos, 2011
Dayana Lucas e Miguel Carneiro

38

Boca, 2013
Oficina ARARA

39

Pandemónio, 2016
Miguel Carneiro

40

Totem, 2016
João Alves

41

Macaco Estrelas, 2017
Miguel Carneiro

42

Buraco #1, 2011
Miguel Carneiro e Pedro Nora

43

A abolição do trabalho, 2017
Bruno Borges

44

Work, 2014
Dayana Lucas

45

Buraco da Corte, 2013
Oficina ARARA

46

Rumor (I), 2015
Pedro Nora

47

NAVIO VAZIO
B(arbárie) F(ecunda), 2011
Isabel Carvalho

48	49	50	51	52	53	54
55	56	57	58	59	60	61
62	63	64	65	66	67	68

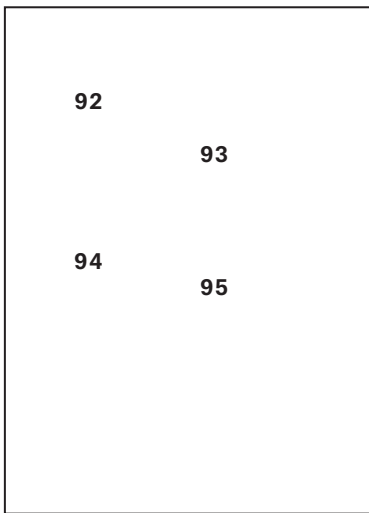
PAREDE E.3

48 <i>Work</i> , 2014 Mónica Baptista	57 <i>Vento de Facas</i> , 2011 Von Calhau!	66 <i>Work</i> , 2014 DF
49 <i>Work</i> , 2014 Pedro Nora	58 <i>Macaco</i> , 2015 Oficina ARARA	67 <i>ERNESTO DE SOUSA: ALMADA, UM NOME DE GUERRA / NÓS NÃO ESTAMOS ALGURES</i> , 2012 Dayana Lucas, Miguel Carneiro e Von Calhau!
50 <i>solua</i> , 2016 Pedro Nora	59 <i>Jaula Von Calhau</i> , 2011 Von Calhau!	68 <i>A mão direita não sabe o que a esquerda anda a fazer</i> , 2017 João Alves, Miguel Carneiro e Pedro Nora
51 <i>A Côte de Urubu</i> , 2010 Von Calhau!	60 <i>Feedbackground (2)</i> , 2016 Dunja Jankovic	
52 <i>Pronóstico</i> , 2012 Doa Ocampo	61 <i>HHY & The Macumbas</i> , 2010 Dayana Lucas em colaboração com Jonathan Uliel Saldanha	
53 <i>Matanças, anno VI</i> , 2016 Dayana Lucas e Miguel Carneiro	62 <i>Hora do Lobo</i> , 2014 Miguel Carneiro	
54 <i>Sexta-feira Santa</i> , 2017 João Alves	63 <i>25</i> , 2017 Dayana Lucas	
55 <i>Casa Viva</i> , 2015 Bruno Borges	64 <i>Sybarite</i> , 2016 João Alves	
56 <i>Já reina!</i> , 2011-2014 Miguel Carneiro	65 <i>Mi Reino No Es De Este Mundo</i> , 2015 Ruca Bourbon	

69	70	71	72	73	74			
75	76	77	78	79	80	81	82	
83	84	85	86	87	88	89	90	91

PAREDE E.4

69	76	84
<i>Guerrilheira PAIGC</i> , 2015 Instituto Fonográfico Tropical	<i>Harpoemas</i> , 2013 Dayana Lucas, Miguel Carneiro e Nuno Pinto (poema)	<i>Ernst Götsch</i> , 2017 Dayana Lucas
70	77	85
<i>Cem Raios T'Abram</i> , 2015 Cem Raios T'Abram	<i>Macaco</i> , 2015 Oficina ARARA	<i>Regina</i> , 2017 Daniela Duarte e João Alves
71	78	86
<i>A trama e o círculo</i> , 2015 Mariana Caló e Francisco Queimadela	<i>Terminator Studies</i> , 2014 Jean-Baptiste Bayle com Pedro Nora	<i>Quem Ri Por Último</i> , 2016 Miguel Carneiro
72	79	87
<i>Nympha</i> , 2015 João Alves	<i>Feedbackground (1)</i> , 2014 Dunja Jankovic	<i>Rumor (III)</i> , 2016 Pedro Nora
73	80	88
<i>Feedbackground (1)</i> , 2014 Dunja Jankovic	<i>Mamão</i> , 2011 Miguel Carneiro	<i>Cartaz de lançamento do livro/dvd SOOPA e projecção do filme na FBAUP</i> , 2011 Dayana Lucas
74	81	89
<i>Mundo de Cristal</i> , 2010 Dayana Lucas em colaboração com Jonathan Uliel Saldanha	<i>Careto</i> , 2015 Miguel Carneiro e Pedro Nora	<i>P.A.</i> , 2017 Miguel Carneiro
75	82	90
<i>Karlon</i> , 2017 Pedro Nora (a partir de <i>Altas Cidades de Ossadas</i> , um filme de João Salaviza)	????, 2016 Pedro Nora	<i>Condução Cega</i> , 2012-2014 Von Calhau!
	83	91
	<i>Feira Laica</i> , 2011 Miguel Carneiro	<i>Work</i> , 2014 Daniela Duarte



PAREDE E.5

92

Selvajada, 2014

Ana Torrie e Oficina ARARA

93

Buraco da Corte, 2013

Oficina ARARA

94

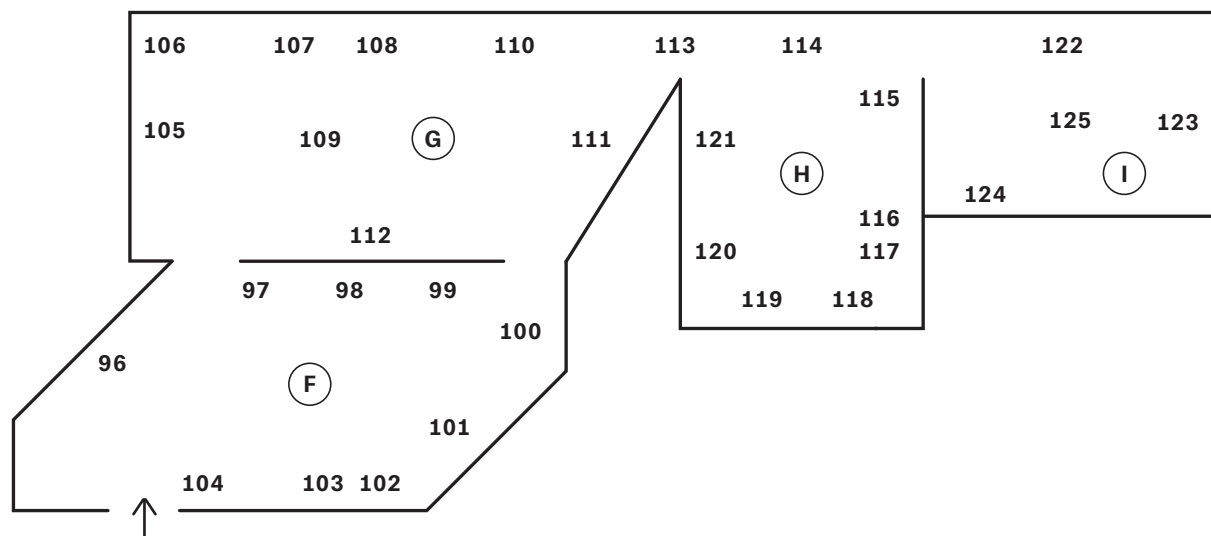
Matanças, anno VII, 2017

Dayana Lucas

95

Aniversário, 2017

João Alves



PISO 2

SALA F

96
Quarto Caminho, 2017
Miguel Carneiro

97
Serpente, 2017
João Alves

98
Demónio do Tempo, 2018
João Alves

99
Labirinto, 2017
João Alves

100
Livro de cabeceira, 2017
João Alves

101
Quatro Elementos, 2018
João Alves

102
Ódio, 2017
João Alves

103
Amor, 2017
João Alves

104
Ovelhas Assassinas,
2017
João Alves

SALA G

105
*Eremita das Grutas
Impossíveis*, 2017
Ruca Bourbon

106
Mocho, s/data
Joaquim dos Bichos

107
*Posto de Controle de
Locus Solus*, 2017
Ruca Bourbon

108
Crocodilo, s/data
Joaquim dos Bichos

109
Carroça da Bruxa,
2017-2018
Oficina ARARA

110
*Oratório de São Droid,
Santo Padroeiro dos
Robots Humanoides*,
2017
Ruca Bourbon

111
Inferno, s/data
Joaquim dos Bichos

112

*Laboratório de
Transmutação Biológica*,
2017
Ruca Bourbon

113
Serpente, s/data
Joaquim dos Bichos

SALA H

114
*Arara dá de comer
aos filhos*, 2018
João Alves

115
Mamão Lava o Outro,
2011-2014
Miguel Carneiro

116
Work, 2011-2014
Miguel Carneiro

117
A Hora do Lobo, 2014
Miguel Carneiro

118
Já Reina!, 2011-2014
Miguel Carneiro

119

Dança Macabra,
2011-2014
Miguel Carneiro

120
Macaco Estrelas, 2017
Miguel Carneiro

121
Simia Vanitas,
2011-2014
Miguel Carneiro

SALA I

122
*Cena do Quotidiano
na Era Mesozóica*, 2017
Ruca Bourbon

123
Quem Ri Por Último, 2016
Miguel Carneiro

124
Adão e Eva, 2018
João Alves

125
Espelhos, 2016-2018
Rafael Cortés
e Oficina ARARA